



**Caminhos alternativos via Podcast: Perfil e atuação de
jornalistas/radialistas/podcasters negras e indígenas das regiões Centro-Oeste e
Norte¹**

Ana Clara Canuto Gonçalves²

Universidade de Brasília - UnB

Netally Vitória Souza Alves³

Universidade Federal do Tocantins - UFT

Dione Oliveira Moura⁴

Universidade de Brasília - UnB

¹ Resumo apresentado no GT Pesquisa de Graduação no 3º Encontro Regional de Norte e Centro-Oeste de Ensino de Jornalismo (EREJor Norte e Centro-Oeste). Também participou da presente pesquisa a professora Valquíria Guimarães da Silva, da Universidade Federal do Tocantins (UFT). A presente pesquisa foi desenvolvida com apoio do Programa de Iniciação Científica da UnB e faz parte de projeto integrado de pesquisa registrado junto ao CNPq sobre jornalistas negras brasileiras, sob coordenação geral da pesquisadora Dione Oliveira Moura.

² Estudante de Jornalismo da Faculdade de Comunicação da UnB. Email: anaclaracanuto08@gmail.com. Bolsista de IC da UnB.

³ Estudante de Jornalismo da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Aluna voluntária na pesquisa. netallyhta@gmail.com

⁴ Doutora em Ciências da Informação pela Universidade de Brasília (UnB). Orientadora e coordenadora geral do projeto de pesquisa. Professora Titular da Faculdade de Comunicação da UnB. Atua em estudos na área de Comunicação, com ênfase na perspectiva dos processos inclusivos e democratizantes, com temáticas de identidade étnico-racial, estudos de gênero, jornalismo científico e ambiental. Diretora Regional Centro-Oeste da Associação Brasileira de Ensino de Jornalismo (ABEJ). Email: dioneoliveiramoura@gmail.com

A história do rádio no Brasil abrange pouco mais de cem anos e, nesse período, tanto homens quanto mulheres desempenharam papéis fundamentais na consolidação dessa mídia que transformou a forma de fazer comunicação. No entanto, a história da contribuição das mulheres foi apagada e silenciada durante décadas. Nesse contexto, o seguinte trabalho visa explorar e destacar as iniciativas pioneiras de mulheres negras e indígenas das regiões Centro-Oeste e Norte do país que utilizam o podcast, considerado uma evolução do rádio e que já se estabeleceu como uma nova forma de consumo e produção de conteúdos digitais, como uma maneira de expressar vivências, em sua maioria, atravessadas pela interseccionalidade de raça, gênero e classe. Para isso, esta pesquisa foi realizada em duas etapas: um levantamento dos podcasts localizados nessas duas regiões e entrevistas semi-estruturadas com as mulheres negras e indígenas que os produziram.

Atualmente, o podcast se estabeleceu de maneira sólida não apenas como uma das novas formas de consumir conteúdos digitais, mas também de produzi-los. O Brasil possui cerca de 30 milhões de ouvintes de podcast, segundo o DataReport 2023. Estimativa que coloca o Brasil no topo da lista de países que mais consomem esse tipo de conteúdo. Diante disso, a facilidade de produção aparece com uma das características marcantes desse formato e contribui para a popularização do podcast. Para Carvalho (2011), o fato de não precisar de altos investimentos e de conhecimentos técnicos muito especializados para se produzir um podcast contribui para a descentralização das produções e para uma maior diversidade e pluralidade de vozes e conteúdos.

No entanto, segundo a PodPesquisa Produtor 2020-2021 da Associação Brasileira de Podcasters, a maioria dos produtores de podcast ainda é formada majoritariamente por homens (75,7%), heterossexuais (81,3%) e brancos (58,8%), enquanto 23,3% dos produtores se declararam como sendo do gênero feminino. No quesito étnico-racial, pardos (22,7%), pretos (12,9%) e amarelos (2,4%) seguem logo atrás, respectivamente. De acordo com a pesquisa, a maioria dos produtores se concentram na região Sudeste com 54,21%, seguido pelas regiões Nordeste com 19,10%, Sul com 13,76%, Centro-Oeste com 6,57% e Norte com 2,05%, respectivamente.

Apesar desse cenário, Silva (2023, pg. 168) afirma que “é notável a maneira como o podcast vem se modificando a partir da apropriação deste espaço realizado por minorias

sociais.” Para esses grupos, e no caso das mulheres negras e indígenas, que são o foco da pesquisa, o podcast aparece como uma ferramenta de resistência às opressões racistas e sexistas oriundas da sociedade e reforçadas pelos meios de comunicação dominantes, local onde essas mulheres possuem pouca ou nenhuma abertura para compartilhar suas vivências (CAVALCANTE, 2023). Um dos conceitos norteadores da pesquisa é o de interseccionalidade. O termo surgiu entre as décadas de 1960 e 1970 no meio sociológico em conformidade com os movimentos feministas de mulheres negras, a partir do entendimento de que as mulheres negras não compartilham das mesmas vivências das mulheres brancas de classe média. Atualmente, o termo se refere à ideia de que as vidas das mulheres, como as negras e indígenas, que são submetidas a sistemas de poder interligados e suas formas de resistência e superação das discriminações, são fortemente influenciadas por fatores como gênero, raça, classe, sexualidade, religião e outros marcadores sociais (ALMEIDA; MOURA, 2019). Esses fatores também aparecem e influenciam na produção de podcasts. Com a constante representação negativa e estereotipada das mulheres negras nos meios de comunicação hegemônicos, elas se tornam incapazes de se visualizarem em novos espaços (CAVALCANTE, 2023), não à toa, na produção de podcast, um espaço ocupado majoritariamente por homens, conteúdos feitos por mulheres ganham menos visibilidade (COSTA; SILVA, 2024).

Diante disso, o presente artigo tem como objetivo apresentar os resultados encontrados sobre o perfil e atuação de mulheres jornalistas, radialistas e podcasters negras e indígenas das regiões Centro-Oeste e Norte do Brasil. Através de um levantamento realizado entre setembro de 2023 e maio de 2024 em plataformas de áudio como Spotify, Deezer, Apple Podcast, Amazon Music e também por meio das redes sociais, Instagram e X. Foram identificados um total de 60 podcasts produzidos por mulheres que se encaixavam no perfil étnico-racial e profissional determinado. Depois, durante os meses de maio e agosto de 2024, 23 entrevistas semi-estruturadas foram realizadas com quem se disponibilizaram com o objetivo de compreender a trajetória e o contexto por trás da criação e produção dos podcasts.

Dos 60 podcasts identificados, 29 estavam localizados em estados da região Centro-Oeste e 31 em estados da região Norte. Paralelamente à realização do levantamento dos podcasts, foi elaborado um formulário teste para sondar dados iniciais de pelo menos uma mulher negra ou indígena de cada estado das duas regiões. No entanto, devido a dificuldades de contato com algumas das produtoras de podcast, especialmente da região Norte, foram coletados apenas os dados iniciais de quatro mulheres negras: uma do estado de Goiás, uma do Distrito Federal, uma do Mato Grosso e uma do Tocantins.

Após isso, o formulário final foi desenvolvido e enviado para as mulheres negras e indígenas produtoras dos podcasts identificados. Ao todo, foram enviados 45 formulários, no qual 31 foram respondidos e 14 ficaram sem resposta. Não foi possível enviar o formulário para 15 podcasts identificados, tanto da região Centro-Oeste quanto Norte, devido a dificuldades de contato com quem os produziu.

Após a etapa de identificação, foi elaborado um roteiro com nove perguntas relacionadas à origem, ao processo de produção dos podcasts e questões relacionadas à interseccionalidade. Assim, foi iniciada a etapa de entrevistas semi-estruturadas, conforme as mulheres iam se disponibilizavam a realizá-las. As entrevistas foram feitas com 23 mulheres por meio da plataforma Google Meet, com duração média de 50 minutos cada. Desse total, nove mulheres (quatro negras, uma indígena e quatro brancas) eram de estados da região Norte e 14 (13 negras e uma indígena) eram de estados da região Centro-Oeste. No quesito étnico-racial, 17 mulheres se autodeclararam como mulheres negras (pretas e pardas), duas se autodeclararam mulheres indígenas e quatro se autodeclararam como mulheres brancas.

Os dados coletados por meio do formulário apontam que 33,3% das mulheres que responderam ao questionário têm entre 25 e 29 anos, seguido por mulheres de 20 a 24 anos (15,2%); 45 a 49 anos (15,2%); 35 a 39 anos (15,2%); 30 aos 34 anos (12,1%); 40 aos 44 anos (6,1%) e 50 e 54 anos (3%). A maioria estão localizadas no Distrito Federal (21,2%). Estados como Tocantins, Pará e Mato Grosso concentram, cada um, 18,2% das mulheres. Depois vem o estado do Amapá com 6,1%; Mato Grosso do Sul e Amazonas, ambos com 3% das mulheres ouvidas.

A respeito do tempo de duração dos podcast, 63,6% das mulheres afirmaram que seus podcasts ainda estavam ativos no ano de 2024, enquanto 36,4% marcaram que não. Ainda nesse contexto, 50% afirmaram que atuam em seus respectivos podcasts há cerca de dois a cinco anos; 37,5% atuam há um ano e 12,5% há menos de um ano. Durante as entrevistas, a falta de recursos financeiros para sustentar os podcasts apareceu de forma recorrente. Muitas delas não consideram que seus podcasts estão encerrados, mas apenas com as produções paralisadas enquanto não houver uma forma de financiá-los. Durante o período de entrevistas, foi possível descobrir que apenas quatro das 23 mulheres conseguiram algum tipo de apoio financeiro para a produção de seus respectivos podcasts, principalmente por meio de editais de incentivo.

A respeito do perfil étnico-racial dessas mulheres, 65,6% delas se autodeclararam como comunicadoras negras (pretas e pardas); 12,5% se autodeclararam como comunicadoras brancas; 9,4% se autodeclararam como comunicadoras indígenas; 6,3%

como comunicadoras negras pertencentes a territórios quilombolas e 3,1% como comunicadora negra amazônica.

Apesar da maioria das mulheres terem afirmado que possuem graduação de ensino superior em cursos da área de Comunicação, como Jornalismo (46,9%), Publicidade e Propaganda (6,3%) ou até graduação em ambos os cursos (3,1%), os dados sobre o perfil profissional dessas mulheres demonstram uma grande variedade de cursos superiores, como Contabilidade (3,1%), Ciências Biológicas (3,1%), Cinema e Audiovisual (3,1%), Design (3,1%), Serviço Social (3,1%), Antropologia (3,1%), História (3,1%), Pedagogia (6,2%), Ciências Sociais (3,1%), Relações Públicas (3,1%) e Letras (3,1%). 6,3% delas afirmaram que não possuíam graduação. 61,3% das mulheres afirmaram que não ingressaram em instituições de ensino superior por meio do sistema de cotas e 38,7% afirmaram que sim.

É importante destacar, ainda no âmbito do perfil profissional, que 45,5% das mulheres se identificam como comunicadoras. 18,2% como jornalistas profissionais, 9,1% como podcasters e 6,1% como jornalistas profissionais e podcasters. O termo “comunicadora” está sendo utilizado nesta pesquisa para ampliar a atuação profissional dessas mulheres, pois mesmo que algumas delas não tenham se graduado em cursos de Comunicação, como dito acima, elas exercem ativamente esse papel comunicativo através da atuação no podcast.

O questionário também possuía duas questões discursivas a respeito do que elas, como comunicadoras negras e indígenas, consideravam como uma barreira e uma oportunidade profissional. Questões como racismo, falta de visibilidade e representatividade, falta de apoio financeiro, desvalorização e dificuldade de acesso foram as principais barreiras profissionais relatadas. A respeito das oportunidades, elas relataram questões como: vagas afirmativas, cotas, o próprio ambiente virtual da internet, editais de incentivo e iniciativas de capacitação exclusiva para mulheres.

Concluí-se que os estados da região Centro-Oeste concentram a maioria das mulheres negras produtoras de podcast (54,5%), em comparação com a região Norte (45,5%), que por problemas de contato com as mulheres produtoras de podcast da região, não foi possível levantar uma quantidade de dados significativa nem por meio do questionário, nem através das entrevistas. Portanto, o perfil encontrado são de mulheres majoritariamente negras (65,6%), entre os 20 e 39 anos de idade, graduadas em Jornalismo (46,9%), mas que, de maneira geral, se entendem como comunicadoras (45,5%) e que não entraram em instituições de ensino superior por meio de cotas (61,3%).

Nesse contexto, o podcast aparece, então, como um espaço livre para que as mulheres negras e indígenas decidam sobre as temáticas e os assuntos que irão abordar e como uma ferramenta para trazer visibilidade, assim como um local de escuta, para suas vozes e questões relacionadas às suas vivências. Segundo Ferreira (2023), mulheres podcasters desenvolvem projetos, em sua maioria, ligados a pautas identitárias justamente porque produtores de podcast, de maneira geral, produzem conteúdos sobre temas que gostam, dominam ou que ouviriam. Por isso, se torna tão importante que mulheres negras e indígenas partilhem as histórias, sentimentos e sensações que as atravessam para que a narrativa hegemônica associadas a elas seja subvertida por suas próprias vozes (CAVALCANTE, 2023). No entanto, para que isso continue e se consolide, é importante que cursos de capacitação, editais de fomento, patrocínios e iniciativas de financiamento sejam elaboradas e sistematizadas para que os podcasts já existentes continuem e para que cada vez mais mulheres tenham a oportunidade de compartilhar suas visões de mundo a quem estiver disposto a ouvir. Os resultados da pesquisa confirmam a perspectiva de que há um cenário de alterações positivas, em termos de diversidade e de interseccionalidade no campo das comunicadoras negras e indígenas brasileiras atuantes em múltiplas mídias alternativas, a exemplo dos podcasts das autoras negras e indígenas que entrevistamos.

REFERÊNCIAS

- ABPOD, Associação Brasileira de Podcasts. PodPesquisa, 2020. Disponível em: <https://abpod.org/podpesquisa/>. Acesso em: 17 out. 2024.
- CAVALCANTE, Aldenora Teófilo Vieira Santos. A humanização de mulheres negras na podosfera brasileira. In: HACK, Aline (Org). Feminismos e Podcasts. São Paulo. Blimunda, 2023. p. 182-215.
- COSTA, Cláudia; Silva, Eliana Coelho da. Ativismo digital feminista e interseccionalidade. In: HACK, Aline (Org). Feminismos e Podcasts. São Paulo. Blimunda, 2023. p.215-244.
- DE CARVALHO, Paula Marques. Podcast: Novas possibilidades sonoras na Internet. 2011.
- DATA, Reportal. 2023. Disponível em: <https://datareportal.com/reports/digital-2023-deep-dive-online-audio-captures-more-of-our-attention>. Acesso em: 16 out. 2024.
- MOURA, Dione Oliveira; ALMEIDA, Tânia Mara. Ancestralidade, Interseccionalidade, Feminismo Afrolatinoamericano e Outras Memórias sobre Lélia Gonzalez. **Revista Arquivos do CDM**, v. 8, n. 2, jul./dez. 2019.
- SILVA, Alice dos Santos. Mulheres Podcasters, a articulação ciberfeminista na podosfera brasileira. In: HACK, Aline (Org). Feminismos e Podcasts. São Paulo. Blimunda, 2023. p. 154-181.

SOUZA, Rafaela Martins de. O podcast como ferramenta possível para uma comunicação feminista. In: HACK, Aline (Org). *Feminismos e Podcasts*. São Paulo. Blimunda, 2023. p. 93-116.

VIANA, Luana. Estudos sobre podcast: um panorama do estado da arte em pesquisas brasileiras de rádio e mídia sonora. **Contracampo: Brazilian Journal of Communication**, v. 39, n. 3, 2020.